

4ª PARTE

Discursos

DISCURSO DE POSSE(*)

Noemi Elisa Soriano Aderaldo

Comprazer-me-ia dar continuidade, através das minhas palavras, ao tom poético-impressionista da saudação de Horácio Dídimo, se para tanto cumpríssemos silenciar a consciência. É que me lembro, a propósito, de Paul Claudel, quando diz em sua parábola sobre *anima e animus*: “A alma cala quando o espírito a contempla”. Mas se o falar poético executa a silenciosa música da alma, o contemplar do espírito se reveste com as vozes da razão. E como o espírito há que atuar neste momento, não nos resta senão, já que não somos poetas, a lucidez cognitiva de feição expressionista capaz de reordenar, cosmificando-o, o fenomênico das vivências que, mergulhadas no mar da memória, exsurgiram para a percepção, da releitura dos livros de Otacílio Colares e das lembranças do nosso convívio ainda receten.

Conheci-o quando iniciava meus estudos literários na Universidade Federal do Ceará, na década de 60, já consciente de que não bastavam a intuição pura e simples e o autodidatismo para a exploração desse mundo fascinante das letras, que acabava de descobrir, mal saída da adolescência. Mediava nossas residências uma distância de poucos metros, e quase diariamente via-o voltar à sua modesta casa situada na Pinto Madeira, com o olhar de quem mirava para dentro. Aventurei-me, um dia, com a juvenil espontaneidade daqueles tempos, à indagação de se poderia, com aulas de História, ajudar-me num pequeno curso que eu acabara de criar; e, para surpresa minha, sem nenhum laivo de relutância, respondeu-me: “Só me diga quando deverei começar...”

E o gesto da singela solicitude permaneceu na minha lembrança.

Decorridos vários anos de ausência em estudos de pós-graduação na Universidade de Brasília, eis que na minha volta o reencontro nos lugares que, por merecimento, lhe haviam sido destinados: ocupando, na Academia Cearense de Letras, a Cadeira que pertencia a Rodolfo Teófilo, chefiando o Departamento de Letras Vernáculas da UFC, e integrando o Conselho Estadual de Cultura.

Posteriormente, já como sua colega na Universidade, lembro-me, saudosa, da alegria com que, à hora do cafezinho, num intervalo entre aulas, costumava ler, para os amigos, alguma coisa que acabara de sair, ainda quente, do seu

(*) Discurso de posse na Cadeira n. 33, proferido em solenidade ocorrida a 15 de agosto de 1988.

forno literário, aceso certamente na noite anterior; e, passados mais alguns anos, lembro-me também, já agora com pesar, de que, após a doença que o acometera, e consciente de que poderia confundir palavras e ritmos, solicitava, com simplicidade, a algum outro dos que o rodeavam, que procedesse à leitura do que acabara de criar.

Numa visita que lhe fiz após a segunda crise da hemiplegia que o fulminara, recordo-me da sua frase pronunciada com a fisionomia plácida e até sugerindo um ânimo surpreendente em meio a toda aquela expectante e aflitiva situação: "Noemi Elisa, estou mesmo reaprendendo a escrever", após o que entregou-me algumas linhas, versos decerto, que não consegui decifrar...

Do pungente episódio, quedei-me a imaginar o drama existencial daquele homen de tão estóica sobranceira e contenção, a desmesurada melancolia que deveria sitiar aquela alma de poeta, a quem as parcas levariam, pouco tempo depois, aos seus insondáveis domínios, fixando-lhe para sempre, entre nós, a gloriosa auréola de uma vida e de uma obra que conservaram, dentro da sua simplicidade, o cariz da dignidade, da beleza e do amor pelos valores imperecíveis do homem.

Otacílio Colares, tal como se sabe, é uma das figuras proeminentes do Grupo Clã, um dos mais importantes e duradouros movimentos literários consignados na história cultural da nossa Pátria. Sobretudo por isso, mas também por muitas outras atividades sócio-culturais desenvolvidas ao longo da sua vida, não só em terras cearenses mas igualmente noutras paragens, veio a tornar-se muito conhecido, mormente no firmamento intelectual do nosso Estado, onde sempre se houve com proficiência e brilho, mercê das suas inegáveis qualidades de homem e de escritor, que, nessa dupla dimensão, a si mesmo se fez por seu esforço próprio e por seus próprios méritos.

Não é de estranhar, por conseguinte, que apesar da modéstia em que vivia, traço que também se estendia ao seu caráter, e não obstante a equilibrada discrição, e mesmo contenção com que se havia no trato cotidiano com as pessoas, as situações e as coisas, não é de estranhar, dizíamos, que desfrutasse de uma alentada coorte de admiradores, e sobretudo de amigos, muitos deles companheiros das lides educativas, culturais e literárias, fossem eles seus superiores, subalternos, ou simplesmente seus iguais na escala humana das funções e das atividades por ele desempenhadas. Acrescente-se, nesse desempenhar-se razoavelmente rico e vário, a proverbial seriedade com que sempre se havia, o que aliás se reflete no seu trabalho intelectual, sobretudo no de teor ensaístico e pesquisatório, dando-se por evidente representar-lhe a poesia a natural comporta de vazão interior para o seu mundo mágico de sonho, de beleza e fantasia, esta no nobre sentido goetheano da palavra. Essa vazão necessária encontrava-a também, naturalmente, e como poucos, no recesso do lar e da família, que inundava de transbordante afeto, e mesmo de devoção, manifestadas, ao longo de incontáveis anos, por sua esposa Zaíra, sua musa confessa, e pelos filhos Andréa, Sérgio, Ângela e Fred, devoção e afeto por todos estes igualmente testemunhados.

Vemos assim, numa primeira aproximação, ainda que em desprezíveis rasgos, por um lado a imagem pública e externa do homem Otacílio em ação, e, por outro, a sua imagem interior, afetiva e contemplativa, ainda mais verdadeira e profunda, que podemos flagrar mais de perto na vertente bem humana por onde flui a vazão da sua caudal poética.

A sua pobreza não era, por certo, casual, de vez que, por coerência com suas convicções, privilegiava valores mais altos e duradouros que os meramente materiais. Ademais, confiava, certamente, em que toda uma vida de trabalho, os cargos que ocupara e os serviços prestados à comunidade, bem como a valiosa obra escrita que produzira e o renome que com justiça granjeara entre os seus conterrâneos, seriam suficientes para, em caso de infortúnio pessoal — o que, afinal, infelizmente aconteceu —, assegurar condições dignamente mínimas de sobrevivência à sua família.

Mas, apesar das agruras e das labutas do dia-a-dia, não perdeu Otacílio, pelo menos até antes da sua enfermidade, uma disposição jovialmente repassada de bom humor, e até mesmo de amena ironia, o dom de partilhar, nas horas de lazer, uma alegria matizada de saudável boemia com os amigos, remanescente, por certo, de espírito de uma época dourada, em que as tardinhas e as noitadas eram cultivadas quase como um ritual pelos grupos de amigos, sobretudo entre os que ressumavam talentos literários, mormente poéticos.

Vale lembrar, a tal respeito, por condizente com esse propício *zeitgeist*, já infelizmente recuado, a saborosa e límpida atmosfera humana e cidadina que nosso autor evoca, tão magistralmente, de uma forma que se poderia dizer proustiana, nas suas memoráveis “Crônicas da Fortaleza e do Siará Grande”, autêntico espelho daqueles tempos idos, “Crônicas” estas que só encontram condigno paralelo nas páginas repassadas de saudade e encantamento que Mozart Soriano Aderaldo escreveu sobre a Fortaleza de antanho (ainda por mim alcançada na infância), amante fiel que sempre foi da mesma, magicamente confundida com a sua própria e inteira vida, regorgitante de genuína cearensidade. Irmão gêmeo de Otacílio nesse particular, ademais de já o ser no seio de clã, valha lembrar aqui sua “Elegia a Fortaleza”, poema pejado de evocatórias e nostálgicas imagens do passado, publicado na revista desta Academia (e que começa com o verso, estroficamente repetido com pequenas variações, à guisa de refrão: “Que fizeram de ti, ó Fortaleza?”), bem como suas páginas em prosa sobre a capital cearense e o fenômeno literário em geral e sua repercussão em nossa terra, objeto de seus mais puros amores.

Tanto a um como a outro bem se aplicam as seguintes palavras que Artur Eduardo Benevides escreveu sobre as “Crônicas” de Otacílio:

“E só um poeta poderia restaurar, com tanta legitimidade, o tempo, o ser e o mundo, dando-nos uma visão espiritual da paisagem antiga, através de doces andanças sentimentais por esses caminhos, por essas praças, por essas ruas e por esses bairros que serviram de geografia à nossa infância ou à nossa adolescência. E, assim como ocorre em relação a Fortaleza, muita cousa do

Ceará, também, na sua expressão telúrica e humana, foi posta neste livro de relembrações, em que a vida se reinaugura pelo poder maravilhoso da saudade.”

A Cadeira nº 33, para a qual este egrégio colegiado houve por bem eleger-me, tem como seu patrono a eminente figura de Rodolfo Teófilo, que, igualmente afeiçoado às letras, poesia inclusive, destacou-se sobretudo como uma síntese rara de literato e cientista, pesquisador geo-histórico e naturalista da região cearense, incansável e arguto estudioso das nossas peculiaridades, tradições e problemas sócio-culturais, tendo nos deixado uma vasta e diversificada obra, na qual confluem uma vertente documentária, extremamente valiosa para os pósteres, e uma vertente literária. Após o seu falecimento em 1932, sucedê-lo-ia na mesma cadeira João Perboyre e Silva, advogado e jornalista, que presidiu a Associação Cearense de Imprensa e foi professor da tradicional Faculdade de Direito da UFC.

Sucedendo-o nesta Academia, Otacílio Colares viria tornar-se, por sua vez, um dos maiores responsáveis pelo resgate da bagagem cultural de Rodolfo Teófilo, empreendendo meticuloso levantamento da sua obra, então semidispersa e negligenciada em virtude das transformações havidas com o envolver dos novos tempos, e elaborando estudos sobre a mesma, inclusive a edição crítica completa de alguns dos seus trabalhos mais importantes, como é o caso de “A Fome” e “Violação”, por sua mão atualizados, em 1979, para a contemporaneidade.

Ainda nessa mesma linha de trabalho austero e paciente, dir-se-ia mesmo franciscano, não poderíamos deixar de trazer à baila o mérito que lhe cabe por nos ter praticamente exumado do esquecimento em que caíra uma obra absolutamente original na história da literatura cearense, qual seja “A Rainha do Ignoto”, de Emília Freitas, romance precursor da literatura fantástica no Brasil, hoje tão em voga no ficcionismo e no campo da teoria da literatura. Como no caso de diversos outros autores, Otacílio Colares realizou, aqui, um verdadeiro trabalho de arqueologia literária, que só um desinteressado e apaixonado amante da cultura da sua terra poderia ser levado a executar, por demandar incansável perseverança de minerador e zelo de artesão.

Afinal, “Pesquisa, Organização, Atualização Filológica, Revisão de Texto, Apresentação Crítica e Notas” sobre obras de terceiros tombadas no quase total esquecimento de gerações anteriores, não é trabalho para quem não disponha de imensa dedicação e acurada competência.

Além de Rodolfo Teófilo e Emília Freitas, Otacílio Colares perlustrou uma plêiade de outros autores, elaborando apresentações críticas de obras de Antonio Sales, José de Alencar, Gustavo Barroso, Fernando Weyne e Araripe Júnior, entre outros, tendo logrado publicar ainda, em 1980, uma recolha de ensaios intitulada “Incursões Literárias”.

Esse aspecto relevante da atividade literário-cultural de Otacílio Colares, abrangendo vertentes variadas de erudição e conhecimento, viria assumir inusitadas proporções com os volumes da sua obra intitulada “Lembrados e Esquecidos”, “Ensaio sobre Literatura Cearense” no dizer dele mesmo e dos críticos,

dos quais conseguiu publicar cinco até antes da sua partida, verdadeiro e grandioso painel de escritores e de figuras humanas que militaram em nossa cultura e a enriqueceram com suas produções, painel esse que certamente se estenderia e outros tantos volumes, se não o tivesse interrompido o compulsório traslado para outro plano de existência e consciência.

Muito haveria que dizer sobre esse lado ensaístico do escritor Otacílio, a merecer um estudo especial, que deverá ser feito um dia, pois esse lado de sua obra constitui um monumento da cultura cearense, já inúmeras vezes ressaltado pelos que a obra lhe conhecem.

Nasceu Otacílio a 1º de setembro de 1918, tendo alcançado os seus dias nesta terra a conta de setenta anos bem trabalhados e bem vividos, falecido que foi em 6 de abril do ano corrente.

Como muitos outros nomes de realce da sua geração, fez seu lastro jurídico-humanístico na nossa memorável Faculdade de Direito, e também militou no jornalismo, primeiro estágio público da sua carreira de escritor.

Professor de História da Literatura e de Literatura Brasileira junto à Universidade Federal do Ceará, além dos cargos de relevo já aludidos no início da nossa fala, foi ainda agraciado com a mais alta comenda do nosso Estado para intelectuais, qual seja a medalha José de Alencar, e, como todos sabem, pertencia, como também já aludido, ao Grupo Clã, cuja importância, pela sua singular continuidade, pelo conjunto de escritores que ainda hoje integram sua hoste, e pelas suas características como movimento, nunca é demais salientar.

Tanto assim é que vale a pena citar aqui, por pertinente, pequeno passo na dissertação de mestrado em Teoria Literária, intitulada "A Revista Clã", elaborada (junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro) pela nossa amiga professora Vera Lúcia Albuquerque de Moraes, em 1976.

Resumindo os principais filões contedísticos peculiares ao Movimento Clã, assim enuncia Vera Lúcia alguns dos mesmos:

"A temática universalista e humanista, o apego aos mitos, a busca da essencialidade foram as principais características da sua produção poética."

Faz ainda um estudo classificatório dos diversos gêneros explorados pelo Movimento, abrangendo poesia, romance, conto, novela, crônica, ensaio e crítica literária, alcançando inclusive o contíguo território artístico das artes plásticas.

Do nosso saudoso predecessor, integrante ilustre da constelação de Clã, vimos assim, até aqui, por alto, o que chamamos mais acima "o lado externo, público", mais conhecido, e mesmo, embora também "a vol d'oiseau", a vertente mais contida e mais sóbria do escritor, representada pela monumental produção crítico-ensaística.

Entretanto, excetuadas as saborosas crônicas transidas de nostalgia que deixam vislumbrar, aqui e ali, revérberos de sua rica vida interior, é na soltura e na vasta liberdade criadora da expressão poética, ou seja no gênero literário poesia, que podemos flagrar, mais facilmente, no seu extravasamento natural, a vibração, a flama, as pulsações e as correntes de sentimento do seu mundo interno, capazes de nos fazer configurar, mesmo que só aproximativamente,

uma imagem da alma que o habitava, das recônditas vivências que o perspassavam intimamente, do homem de dentro enfim, que geralmente não aparece, não se vê, e muitas vezes não se sente, mas que existe em quem quer que tenha feito crescer em si este espaço, esta dimensão em que podemos conviver com a história, com a humanidade, com os deuses, com o universo, com a eternidade, com tudo, enfim, o que é imanente, ou que nos transcende.

E a paisagem interior que aqui, no domínio poético, descortinamos, é marcadamente diversa não só da dos outros gêneros literários que adentrou, como também de que externamente transparecia na vida cotidiana. Pois é na sua poesia que Otacílio se permite dizer-se e mostrar a sua alma.

No que respeita à forma, o acompanhamento cronológico da sua produção poética, abarcando, a rigor, e bem marcadas, uma constelação de seis obras que surgiram, sucessivamente, ao longo de 36 anos, ou seja, de 1946 a 1983, nos revela um poeta que, inversamente ao que soe acontecer com os vates pátrios da modernidade — o que é interessante fenômeno a destacar — evoluiu do verso livre moderno para a forma clássica e rebuscada do soneto, de labor incomparavelmente mais difícil, e que chegou a dominar, pode-se dizer, com inexcelsa mestria.

Não por acaso atinge o soneto, com Otacílio Colares, um nível pinacular entre os que, no Brasil, cultivaram esta nobre forma, como inclusive o reconhece a mais abalisada crítica nacional.

Ao percorrer-lhe a obra poética constata-se, como seria de esperar, um evidente amadurecimento e um apuro progressivo do ponto de vista formal, rítmico inclusive, no tratamento da matéria poética, mas é interessante verificar, por outro lado, a continuidade temática e vivencial que lhe acompanha fielmente, ao longo de tantos anos, o sentimento da vida e do mundo, não obstante ter alcançado Otacílio o crítico limiar de transição entre duas eras históricas, o qual atravessamos de algumas décadas para cá, com as céleres, surpreendentes e inquietantes transformações pelas quais passa a humanidade em todas as esferas.

Os grandes temas, como também seria de esperar, estão presentes em toda a sua poesia, permanentemente pejada de inquietações de natureza metafísica, que lhe conferem um cunho universal, embora, é claro, individualmente vividas — melhor diríamos sofridas — e expressas.

Sem deixar de ser o poeta romântico que claramente o é desde a sua primeira lírica, com os livros "Os Hóspedes", de 1946, e "Poesias", de 1947, nos quais derrama transbordantemente a seiva que lhe corria na alma — pois quanto mais antigos menos contidos, e mais confessionais são seus poemas —, o poeta Otacílio vai adquirindo, pouco a pouco, uma vestidura classicizante, tanto no manejo da forma quanto na expressão do sentimento que culmina com seu último livro "A Medida do Ser", publicado em 1983, cujo próprio título é, já de si, bastante sugestivo do que estamos a assinalar.

Entretanto, ao longo dessa curva entre o ponto inaugural e o terminal, pode-se afirmar que o poeta consegue ser parco e conciso — ele quase sempre todo se diz com poucas palavras.

Resumindo a bibliografia poética de Otacílio Colares, o seu livro de estréia “Os Hóspedes”, de 1946, foi publicado em parceria com Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides, enfeixando poemas da lavra dos quatro autores.

Ainda em parceria, desta vez com Cláudio Martins e Antônio Girão Barroso, publicou o livro intitulado “30 Poemas para Ajudar”, de 1968, com prefácio de Mozart Soriano Aderaldo.

“Três Tempos de Poesia”, saído em 1973, é uma recolha de poemas seus anteriormente publicados.

Afora os já mencionados, vieram ainda à luz “O Jogral Impenitente”, de 1965, “Os Saltadores de Abismos”, de 1967, e a sua coroa de sonetos, requintada guirlanda sonetística raramente usada na história da poesia, que intitulou “Entre o Bem e o Mal”, editada em 1979 no nº 26 de Clã, como um dos livros da famosa revista, com apresentação crítica do Professor Sânzio de Azevedo.

A produção poética de Otacílio Colares está igualmente a merecer um estudo especial, ainda não elaborado, mas que deverá surgir, um dia, por quem, mais bem aparelhado do que nós, vier a debruçar-se demoradamente sobre a mesma.

Não seria esta, talvez, a ocasião mais indicada, mas gostaríamos de deixar aqui, consignadas, algumas observações de natureza geral que inferimos do conjunto da sua lírica, no parco tempo que para tanto dispusemos. Chegamos a expender algumas delas um pouco mais atrás.

Ao nosso ver, do ponto de vista interior, perpassa-lhe fundamentalmente toda a poesia a contínua tensão de um presente dilacerantemente mas estoicamente vivido entre a memória de um passado que remonta à infância e à juventude, aureolado da ventura perdida de um viver aliviado dos grilhões da condição humana madura, e a temível, expectante incerteza de um futuro que veloz se aproxima, ameaçado por presságios, antevisões e augúrios cada vez mais confessamente ensombrecidos pelo inexorável pairar da morte sobre esta mesma humana condição, tensão e entrechoque de contrários que se exprimem através de doridos desabafos, envolvendo a efeméride, a agonia — no sentido grego de combate —, a vaidade, as desilusões, a angústia e a fragilidade do nosso existir.

Em análogo diapasão, de ponta a ponta percorre a poesia de Otacílio uma sucessão de indagações, reflexões e confisões pungentes e clamantes, que lhe dão um acento hamletiano, e às vezes trágico, como neste final do soneto intitulado “mancha” no seu livro derradeiro, que deixa transparecer a condição da enfermidade com a qual já convivia:

“Na mão treme esta pena, há muito escusa.

A mesma já não é de antigamente:

Traz lágrimas na tinta, e o verso — triste.”

Curioso é que já em 1947, no seu segundo livro, “Poesias”, encontramos um poema curto, que antiteticamente intitulou de “Vida”, mas cujo título natural depreende-se facilmente que haveria de ser “Epitáfio”, no qual intui e antevive prematuramente o destino final que o aguardava. Note-se-lhe a beleza, a concisão e a profundidade de conteúdo:

“Vida”

Na grande pedra escreverão teu nome.
E lá no alto a grande ave que és há de sorrir, serena,
porque inútil será guardarem de ti qualquer lembrança.

Deixaste de ser um entre os vivos
Para descobrires o ser na grande pátria.

Segreda noutro verso seu: “O anjo de melancolia estende sobre mim as grandes asas”...

Entretanto, destacando-se desse fundo de sombras sobre o qual se move sua poesia, e que viemos de configurar, surgem fulgurações e alumbramentos evocadores da esperança e da alegria, da glória do amor e da beleza, da fé na luz do que ele chama, em diversos passos, “a grande pátria”, “o porto”, ou “a eternidade”, expressões que podemos identificar como metáforas do seio de Deus para além da vida e da morte, onde afinal vão dar todas as viagens.

Tomando ainda dos seus versos alguns dos passos mais representativos do pólo do sombrio, fala Otacílio de “naufrágios contínuos”, do “eternamente errante”, do “horros dos lóbregos pezares”, da vida como “antecâmara da morte”, “vale do desespero” e “glória finda”; diz dos humanos: “órgãos que somos todos nesta vida vã”; confessa-se “triste e descrente desta vida”, usa as imagens do “sono”, do “limbro” e do “ceifeiro”, contíguas à idéia de morte, e em inúmeras passagens evoca esta diretamente, chamando-a “o final de todas as procelas”, e clamando perquisitivamente nos dois seguintes tercetos, o primeiro do soneto “os mortos”:

“A pretexto de que canseira e lida
se da morte a visão se faz presença
como se fora a só razão da vida?”

e o segundo do soneto “Os Descompassos”:

“No mundo em descompasso, que se alega
para sobreviver com fé e crença
se o termo do existir é inexistência?”

Teme a morte o poeta e a deseja ao mesmo tempo, como em “pavor da morte que o vir do sono aumenta”, “meus medos fundos, abismais”, “a voz da morte, paulatina e fria”, “morre-se a cada instante, lentamente”, “a hora final do ser ou do não ser”, “não sei que destino me aguarda além da vida”, e “nessa ânsia imoderada de morrer / como remédio a um mal tido incurável”.

Fala ainda das “rugas que em meu rosto a sorte dura / cavou sem piedade e com frieza”, diz que “a sorte se escreve / o breviário de amor do ser humano”, e refere “o desespero de não reviver / fruindo o bem outrora desfrutável”. Resume em dois versos a dualidade da existência, neles soldando duas imagens opostas e contíguas do mesmo mar: “As cristações do mar revolto / e a paz marinha das enseadas”.

Evoca constantemente aspectos vivenciais diversos do passado, como em “olho dentro de mim, sinto um mundo perdido”, “ressonância de música perdida”, “as doces visagens / fugiram para o nunca mais”, “doce infância”, “de volta ao reino da inocência”, e “brincar de volta à infância”, infância para ele sagrada, que chama de “pátria da poesia”, comprazendo-se em nostálgicos devaneios de lembranças, que o fazem dizer, neste quarteto:

“São restos de canções que estão chegando
dos recessos longínquos da memória;
É um passado de ontem revivendo
um mundo claro como um puro luar”,

para afinal conceder que “dentro de mim há um querubim que implora”.

E fala também, já nesta transição para o outro pólo luminoso, de “algo de eterno que em minha alma resta”, da “busca da imortal grandeza”, e declara que “em tudo só o mistério sobreleva”, para proclamar que “é preciso encontrar urgentemente / o porto em meio ao denso nevoeiro”, e que “portos cuidado avistar”.

Otacílio deixou versos lapidares, muitos dos quais podemos tomar, como autonomamente consumados: “Este limbo de tarde em seu semblante”, e “mais não sou que um coração que pensa”, e este outro, de um dos sonetos, com feição filosófica de aforismo:

“Todo mal que nos vem é mesmo em nós que existe.”

Otacílio também se refere, freqüente e claramente, com ternura e devoção, ao porto humano e abrigo de amor seguro representado pela esposa e, extensivamente, pelos filhos, como, por exemplo, em “minuto milagroso e cotidiano de ternura”, “companheira doce e estrela guieira”, de quem fez uma espécie de símbolo encarnado do divino, chegando a dizer dela no poema “Canto e Antifona”: “O reino de Deus está nos teus olhos”, e a chamá-la, noutra passo, de “clara visão de Deus”.

E aqui se vislumbra, nesse amor exemplar que o unia à esposa, e que transborda da vida para a poesia, da poesia para a vida, a expressão simbólica concreta da transcendência na imanência, o ponto de apoio, humano e terreno, para a ancoragem da alma num plano mais elevado da existência, perpetuando, através da comunhão, o milagre contínuo da ressurreição humana. De vez que nossa vida é toda ela um infundável entretencimento, instante a instante, de pequenas mortes, daí também resulta ser ela a prova — vivida ou morrida, pouco importa — de um incessante milagre do qual raras vezes nos apercebemos,

da mesma forma que se diz não ouvirmos a música das esferas por lhe faltarem pausas. Mas certamente a alma pode ouvi-la...

E pur si muove! (e contudo se move!), sussurrou Galileu referindo-se à translação da terra em torno do sol, logo após ser condenado, pela Inquisição, por sua tese heliocêntrica.

E o célebre episódio com Galileu simboliza a existência de todas aquelas coisas — e tantas são que, afinal, são tudo! — que ultrapassam o estreito horizonte da nossa lógica convencional e da nossa bitolar e indigente inteligência.

Vemos ainda no amor pela esposa, podemos dizê-lo, o espelho em que Otacílio podia, afinal, contemplar sua própria *anima* nela refletida, conforme o genial *insight* junguiano — e vice-versa para a esposa, quanto ao que diz respeito ao *animus*.

Assim, pois, contrastando com suas angústias, vemos também o poeta na plenitude do pólo oposto e luminoso de afirmação e de fé, em trechos véricos como “espírito de Deus, onde andas escondido?”, “desejo da impossível presença”, “acalanto da alma”, “fulguração de Deus”, “grande espera para a grande luz”, “saímos a ensinar às crianças sem idade / doce linguajar de Deus no mistério das cousas criadas”, e busco o último rumor dentro da noite / e a derradeira luz neste silêncio”, “oh! suavidade esplêndida do além!”, “o pássaro é a voz de Deus que busca a pátria”, e ainda em dois tercetos que se seguem, o primeiro do soneto “Música”:

“E dentro em breve tu será mil almas
tentando chegar aos pés da grande essência
que redime as penas e aproxima os seres.”

E o segundo, o magistral fecho de ouro do “Soneto Infinitivo”, peça que, pela sua perfeição e beleza, e dedicado ainda à sua Zaíra, reproduzimos na íntegra.

Atente-se, antes do mais, na proposital ambigüidade do título, em que “infinitivo” recolhe, em seu sentido, tanto a forma verbal na qual todas as rimas, como o abjetivo de alcance metafísico derivado de “infinito”:

Que mais da vida tenho que esperar
se tão feliz me dou por vos querer?
Que maior prêmio além do vosso dar,
correspondendo ao meu apetercer?

Que mais do sonho, além do relembrar,
quando ao tempo chegarmos (sem sofrer)
de nos quedar, os dois, para aguardar
a hora final do ser ou do não ser?

E quando, no momento de um partir,
a luz divina a só verdade for
e nada houver de mal a redimir,

consinta Deus, que é puro e puro amor,
ao que restar, que fique sem carpir;
ao que partir, que vá sem grande dor...

É a excelssitude deste soneto que me permite deixar aqui, por pertinente, a prazerosa inconfidência: segredou-nos Zaíra, esposa e musa de Otacílio, que só por causa deste mesmo soneto é que deixara de chorar — o que, convenhamos, é qualquer coisa digna da lira mágica de Orfeu e do amor que ao mesmo e à sua Eurídice os ligava.

Desse breve painel de oscilâncias bipolares que, a título de amostra, tentamos acima delinear, podemos flagrar, na poesia de Otacílio, cintilações intuitivas da experiência primordial e arquetípica que a alma humana tem da unidade — originária e final — de todas as coisas, dissolvendo e transcendendo os limites que as separam na aparência, experiência fundamental que reproduz, à escala humana, as metamorfoses que os mitos teocosmogônicos misteriosa e abissalmente implicam e sugerem: a unidade dos contrários, a morte dentro da vida e a vida dentro da morte, a noite cobrindo a luz e a luz surgindo da noite, como as estrelas do livro de João Clímaco Bezerra, que lá estão ainda piscando por de trás do seu título...

É sempre de um supremo sacrifício do Deus, da sua morte, que renasce a vida, o que vemos, paradigmaticamente, não só nos mitos e nas religiões, como, por exemplo, a nível biológico, na borboleta a nascer da morte da lagarta, a nível cosmológico nos “buracos brancos” que os “buracos negros” pressupõem, transcendendo a entropia universal (vale dizer, a matéria ressurgindo incessantemente do seu próprio voraginoso e formidando aniquilamento), e a nível psicológico, no divinal estrato da supraconsciência, cumeeira do território interior da inconsciente, quer individual, quer coletivo, supraconsciência, hoje na mira pesquisadora da psicologia transpessoal, que a situa no vértice do espectro dos estados de consciência, sob a etiqueta de “consciência cósmica”.

Apesar de todas as inevitáveis alternâncias contrastivas acima tangenciadas, encontramos em dois versos seguidos de Otacílio uma espécie de “regra de ouro”, para o poeta e para o homem respectivamente, que ele buscou cumprir:

Para o poeta: “faz do teu veso a imagem da tua alma”;
e para o homem: “faz do teu ser a pátria da grandeza”.

Não poderia deixar de exaltar, nesta ocasião em que mais uma mulher tem acesso a esta casa, o pioneirismo da Academia Cearense de Letras, notabilíssimo sob todos os prismas, pela abertura dos seus quadros à expressão cultural feminina, já aqui honrosamente representada pelas figuras de Alva Valdez, Henriqueta Galeno e Nenzinha Galeno.

Quero também homenagear, neste momento, a imorredoura memória do historiador insigne Raimundo Girão, verdadeira viga-mestra da cultura cearense em todos os tempos, recentemente falecido, por cuja bemaventurança junto ao reino do Senhor rogamos as orações de todos os presentes, ele que sufragou meu nome através de procurador, poucos dias antes de partir.

Gostaríamos de lembrar também alguns daqueles espíritos dedicados que, em nossa terra, cultivam os estudos clássicos na busca das matrizes de nossa identidade cultural, como os professores José Alves Fernandes, Rebouças Macambira e Eleazar Teixeira, e ainda os amigos Moreira Campos, Carlos D'Alge e Linhares Filho, companheiros meus de travessia nos territórios da cultura ibérica.

Não poderia igualmente omitir seu reconhecimento à poeta Marly Vasconcelso e à Zaíra, esposa de Otacílio, que tanto me ajudaram no recolher o acervo bibliográfico do meu ilustre e saudoso antecessor.

Quero agradecer minha acolhida nesta excelsa casa, primogênita entre suas congêneres do Brasil, ao seu digníssimo Presidente, o escritor Cláudio Martins; aos demais acadêmicos e companheiros da UFC; a Artur Eduardo Benevides, maior incentivador da minha carreira profissional no Ceará, que com sua inspirada sensibilidade consegue ultrapassar as fronteiras do visível, devoto cultor que é do mundo mito-poético cujo influxo também tem norteado minhas incursões na literatura; ao igualmente colega e amigo exemplar Horácio Dídimo, capaz de reencontrar a luz em meio às trevas e a esperança nas situações aparentemente perdidas. A ambos, Artur e Horácio, gostaria de relembrar aqui o verso de um celebrado soneto de Otacílio, que diz: "Amigos, quer-se-os como os vinhos raros..."

E, finalmente, ao meu estimado rio Mozart Soriano Aderaldo, conhecedor incomparável e pertinaz contemplador da antiga Fortaleza, que nele chega a adquirir, talvez, um sabor de extensão da própria família e da infância através da cidade mesma rediviva, a ele com seu caráter exemplar, seu humanismo, sua extremosa dedicação à cultura da nossa terra e seu conseqüente amor a esta casa, à qual espero também poder prestar meu contributo, embora modesto.

Ainda, e terminalmente, quero oferecer, do fundo do coração, a festa que representa o meu ingresso nesta veneranda Academia, ao meu saudoso irmão Roberto Guido, nascido precisamente num 15 de agosto e do nosso convívio arrebatado, ainda no esplendor da juventude, pela mão de Deus.